

3 + 1

Desisto – o que não vejo imagino

Nuno Sousa Vieira

15.05.26 – 12.09.26

Inauguração 15.05.26, 18h – 21h

Em 1913, pouco antes de a Europa cair em catástrofe, Kazimir Malevich e os futuristas russos encenaram uma ópera intitulada *Vitória sobre o Sol*. O próprio título parecia profético. O sol, antigo símbolo de coerência, continuidade, razão e ordem divina, foi capturado e destruído. A linguagem fragmentou-se. O tempo desestabilizou-se. O significado desintegrou-se. O que restou foram fragmentos, sons, ritmos, formas geométricas e a embriaguez extática da rutura.

Olhando para trás, a obra parece agora assustadoramente profética. Os futuristas anteciparam tanto a euforia como o terror da aceleração tecnológica. Pressentiram o colapso dos mundos simbólicos herdados, antes de o século XX o ter concretizado plenamente através da guerra, da industrialização, da propaganda, da mecanização e da destruição em massa.

No entanto, talvez nem mesmo eles conseguissem prever a nossa situação atual.

Hoje já não sofremos da escassez de representação. Sofremos do seu excesso.

Afogamo-nos em imagens, explicações, reações, simulações, notificações, conteúdo gerado, certeza algorítmica e exposição contínua. Cada silêncio é imediatamente preenchido. Cada ambiguidade é rapidamente convertida em comentário. Cada inquietação emocional é transformada em conteúdo antes de amadurecer com a experiência. A psique tem cada vez menos tempo para metabolizar a realidade.

Num mundo assim, a abstração talvez não seja meramente um gesto artístico. Talvez seja uma necessidade psicológica e política.

É por estas razões que a exposição mais recente de Nuno Sousa Vieira parece tão relevante. As suas obras revisitam o avant garde histórico não de forma nostálgica mas com um intuito diagnóstico. Aqui, a abstração não funciona como uma fuga da realidade mas como uma proteção contra a hiper-realidade. Contra o que a exposição descreve como o excesso de uma “realidade verdadeira construída”.

Esta expressão merece uma atenção cuidada.

A realidade construída tornou-se tão totalizante que, de forma crescente, extingue os intervalos necessários para a vida psíquica. Tudo tem de ser visível, explícito, otimizado, categorizado, mensurável e imediatamente interpretado. A opacidade começa a parecer suspeita. Porém, os seres humanos não se desenvolvem psicologicamente através da iluminação total.

A vida psíquica precisa de sombras.

O desejo precisa de ausência

A música precisa de silêncio.

Sem intervalos não há ressonância.

É precisamente aqui que surge a dimensão inefável da música. A música não comunica primariamente através de

3 + 1

afirmações diretas. Move-se através do ritmo, da suspensão, do retorno, do tempo, da tensão, do espaço e do silêncio. Os significados vêm não apenas das próprias notas mas do espaço entre elas. A música não afirma nem esconde completamente. A música sugere.

E talvez seja isto que a cultura contemporânea tenha crescente dificuldade em tolerar.

A tradição psicanalítica há muito que percebeu que o inconsciente não pode emergir em condições de total saturação. A psique requer espaço onde o pensamento permanece incompleto, onde significados não colapsam imediatamente em certezas. Wilfred Bion fala da importância da capacidade de permanecer na incerteza sem a necessidade compulsiva de uma explicação prematura. Donald Winnicott descreve o espaço transitório onde a imaginação e a vida simbólica podem emergir. Christopher Bollas fala do conhecido não pensado: as dimensões da experiência que nos marcam antes de a linguagem as conseguir organizar.

Hoje, estes espaços estão cada vez mais em perigo de extinção.

A inteligência artificial intensifica este dilema. A I.A. não gera meramente informação, acelera a própria densidade representativa. Preenche os espaços instantaneamente. Transforma a latência em produção a uma velocidade sem precedentes. O que antes pedia espera, frustração, devaneio, incerteza ou trabalho simbólico interior, está agora em risco de se tornar imediatamente externalizado e infinitamente reproduzível.

No entanto, a vida psíquica não consegue sobreviver ao imediatismo permanente.

O sistema nervoso humano requer pausas, incompletude e espaço simbólico para respirar. Sem estes, perdemos não só a reflexão mas também profundidade. A experiência é achatada em simulação infinita. Já não metabolizamos a realidade. Em vez disso, consumimo-la

É aqui que a abstração surge novamente, não como um valor estético mas como resistência.

A arte abstrata recusa a legibilidade obrigatória. Interrompe a procura para que tudo se torne instantaneamente consumível. Restaura o direito de não fazer sentido e, assim, protege o inconsciente da colonização da hiper-representação.

Uma das obras de Nuno Sousa Vieira na exposição, *Declamador - O Artista Sombra*, representa esta tensão com uma força extraordinária. A escultura perdeu o braço direito. Este braço decepado está caído ao lado da figura, enquanto o declamador prossegue apenas com o braço esquerdo. O próprio artista é esquerdino. A imagem evoca imediatamente histórias de normalização e violência que muitas pessoas ainda carregam no corpo. Durante gerações, crianças esquerdinas de várias culturas foram punidas, corrigidas, humilhadas e até castigadas fisicamente nas escolas por escreverem com a mão “errada”. A mão correta foi forçada não apenas de forma prática mas, também, moral.

O simbolismo aqui parece profundo.

Historicamente a mão direita tem sido associada com ordem, legitimidade, administração, autoridade, racionalidade e controlo. A mão esquerda é associada com desajeito, desvio, irracionalidade, imaginação, incarnação e perigo. A mão esquerda carrega um inconsciente político enterrado.

E em Portugal, com as suas memórias da ditadura, censura, disciplina católica e escola autoritária, a imagem tem ainda mais peso.

3 + 1

Ainda assim, *Declamador - O Artista Sombra* não é simplesmente uma obra sobre a mutilação. É sobre persistência.

O declamador perdeu o braço dominante.
Mas a declamação continua.

Talvez ainda mais verdadeira do que antes.

A mão esquerda há muito que simboliza o que excede a ordem oficial:

intuição,
arte,
o inconsciente,
a poética,
a incarnação da imaginação,
dissidência,
ambiguidade,
liberdade simbólica.

Os sistemas autoritários têm medo precisamente destas qualidades.

O totalitarismo teme a ambiguidade porque a ambiguidade não pode ser completamente controlada. Teme a opacidade porque a opacidade resiste à vigilância. Teme a abstração porque escapa à legibilidade compulsória. Teme o silêncio porque o silêncio permite que o pensamento se organize fora da prisão ideológica.

Tudo nos sistemas autoritários empurra para a simplificação, visibilidade, certeza, categorização e alinhamento imediato.

Nesse sentido, o triunfo da mão esquerda torna-se em mais que afiliação política. Torna-se numa defesa da própria complexidade psíquica.

O punho esquerdo carrega também a memória de movimentos trabalhistas, resistência antifascista, solidariedade e recusa. Mas no *Declamador - O Artista Sombra* a mão esquerda não é triunfante num sentido simplista. Parece adaptável, ferida, a sobreviver após uma amputação simbólica.

O braço direito separado caído ao lado da escultura parece assustadoramente contemporâneo. Pode ser quase interpretado como o membro decepado da própria racionalidade tecnocrática, desligado do eros, da imaginação, do devaneio, da vulnerabilidade e da profundidade simbólica.

E talvez isto nos traga de volta a Malevich e à morte do sol.

Quando estruturas simbólicas colapsam, as sociedades frequentemente oscilam entre dois polos:
certeza rígida e autoritária,
ou reconfiguração simbólica e criativa.

A nossa era pressiona-nos de forma crescente para a primeira.
Em direção à explicação obrigatória.
Em direção à representação infinita.
Em direção à hiper-visibilidade.
Em direção à simplificação ideológica.

3 + 1

Em direção à certeza gerada por máquinas.

Mas a arte continua a defender a segunda possibilidade.

É aqui que a admiração se torna cada vez mais importante.

O trabalho de Dacher Keltner sugere que a admiração altera a estrutura normal da percepção. A admiração interrompe a organização própria habitual e abre a mente a algo maior que a utilidade ou controlo imediato. Em momentos de admiração o tempo abranda. A atenção expande-se. O eu defende-se de forma menos rígida. Sentimo-nos, ao mesmo tempo, mais pequenos e mais ligados.

A admiração restaura a escala.

E a escala é importante psicologicamente.

Grande parte da vida contemporânea comprime a experiência humana em reação constante e atenção curta. A admiração interrompe esta compressão. Permite-nos habitar o mistério sem o resolver imediatamente. Restaura a permeabilidade entre o eu e o mundo.

Talvez este seja agora o papel mais profundo da arte.

Não o de disponibilizar mais informação.

Não o de esclarecer ideologia.

Não o de acelerar estimulação.

Mas o de restaurar o espaço simbólico para respirar.

Criar intervalos onde a vida psíquica se pode reconstruir.

Para defender a ambiguidade contra a totalização.

Para preservar o silêncio contra a saturação.

Para permitir a imaginação emergir onde a certeza recua.

Os futuristas sonharam em destruir o sol. Hoje talvez tenhamos de fazer algo diferente. Não voltar à certeza metafísica rígida, mas recuperar os intervalos simbólicos. O restauro do silêncio, abstração, devaneio, admiração e incompletude.

Nem todos os silêncios têm de ser preenchidos.

Nem todas as imagens têm de ter significado.

Nem todas as incertezas são fracassos.

Alguns espaços são o que nos permite permanecer humanos.

05.2026

Eda Arduman, Mestre em Psicologia Clínica